

Storytelling:



**nós em nós
nos narrando!**

**Organização:
Marguit C. Goldmeyer**

Apresentação

E tudo inicia....



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

O que significa ser um bom professor de literatura infantil? Será que basta conhecer os clássicos e dominar técnicas de leitura, estratégias de ativação para a participação em aula? Ou é necessário algo mais profundo, uma verdadeira paixão pelas palavras? Este e-book, "Storytelling: nós em nós nos narrando!", apresenta uma coletânea de narrativas escritas por acadêmicas do curso de Pedagogia, futuras professoras que estão descobrindo, através da escrita, a importância de amar as palavras e de se conectar com o mundo ao seu redor. Para cativar as crianças e despertá-las para o universo mágico, envolvente e dinâmico da leitura, é fundamental que o (a) professor(a) também seja um(a) leitor(a) do mundo. Ler o mundo é uma habilidade que vai além dos livros; é a capacidade de observar, interpretar e compreender a vida em suas diversas formas. E para ler o mundo com sensibilidade e

profundidade, é necessário primeiro ler-se a si mesmo. Esta introspecção é o primeiro passo para se tornar um contador de histórias eficaz e inspirador.

A escrita de uma história pessoal, o exercício do storytelling, é uma poderosa ferramenta de autoconhecimento e autoafirmação. Quando nos sentamos para escrever nossas próprias histórias, mergulhamos em nossas experiências, sentimentos e pensamentos. Este processo nos permite não apenas entender melhor quem somos, mas também afirmar nossa identidade como indivíduos e como profissionais. As narrativas deste e-book são testemunhas desse processo de autodescoberta e crescimento pessoal.

Narrar-se é conhecer-se. Quando nos contamos, desvendamos camadas de nossa personalidade que muitas vezes desconhecíamos. Esta jornada de autoconhecimento é essencial para qualquer professor que deseja realmente impactar a vida de seus alunos. Conhecer-se é descobrir-se, é encontrar a coragem para se lançar ao mundo com amor e determinação.

Através da leitura e da escrita, aprendemos a viver com mais intensidade e significado. Cada palavra escrita, cada

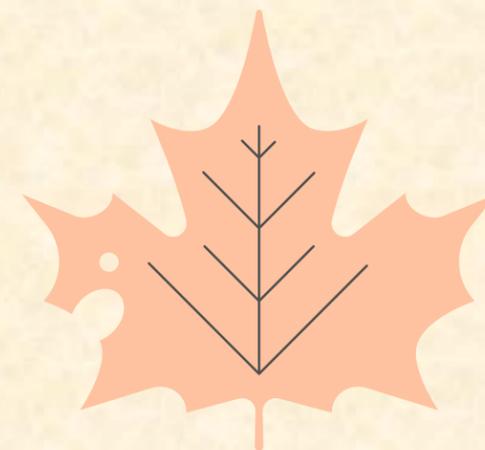
história contada, é um passo em direção a uma vida mais plena e enriquecedora.

Este e-book não é apenas uma coleção de histórias; é um convite para que você, leitor, também se lance neste processo de autoconhecimento. Leia, escreva, narre-se. Descubra-se para que possa lançar-se com coragem ao mundo, vivendo com amor e abraçando a leitura e os encontros que a vida proporciona

Sejam bem-vindos ao "Storytelling: nós em nós nos narrando!". Que estas histórias inspirem vocês a lerem o mundo, a lerem a si mesmos e a cativarem as crianças para a mágica da leitura.

Boa leitura!

Profa. Dra. Marguit Goldmeyer
Professora da disciplina de Literatura Infantil



1 Você me entende!

Marguit Carmem Goldmeyer



Ele não precisava dizer: ela sentia. A menina nascida no interior de Estrela - RS, sentia-se tudo menos uma estrela. Tímida, assustada, preferia ficar com a parte da noite escura. Suas emoções oscilavam entre o desejo de curiosar e a busca pelo entendimento do seu mundo interior.

Seus amigos eram os personagens imaginados que criava, transformando os vidrinhos de remédios da mãe e do

pai em belas moças, meninas e meninos que narravam as histórias da guriuzinha estrelense. Viviam todos juntos, a menina e os personagens, na escada do porão. Lá criavam cenários, conversavam entre si e com as plantas.

Às vezes, o silêncio era interrompido pela presença do papai, seu Arnoldo. Quando ele voltava da roça ou quando tinha um tempinho entre o trato dos animais e o próximo

fazer, procurava a garota. Com ele, acreditem: ela não era tão tímida. Não precisava ser tímida, o pai, mesmo que ela não falasse, lia seus sentimentos. Ele sabia como lidar com ela: — Vem cá, Marguit, escondi no meio das pedras uma coisa que você vai gostar. — Quero ver. Cadê? — Procura — dizia ele. Ele não era formado em Licenciatura ou Pedagogia, mas tinha os princípios de saber instigar uma criança a ser autônoma. Outro dia, outro desafio. Na volta da roça, sentava cansado um pouco no pátio e chamava: — Marguit, onde estás? Eu colhi algo para ti. Ela vinha

correndo, esperando o que, provavelmente, seria uma das suas frutas preferidas. — Não, não é assim que funciona. Tu sabes. Senta aqui no meu colo. Conversamos e eu descasco a goiaba. Comeremos juntos.

O colo do papai era muito mais que duas pernas que ofereciam um assento: era o lugar de pouso mais seguro que a garota conhecia. Lá, ela não precisava de personagens que a ajudassem a resolver problemas e a entender as esquisitices de adultos. Lá, ela era quem poderia abrir as portas e, quem sabe, se arriscar a tentar ser um pouco mais estrela da própria vida.



2 “A parte que falta”

Cristiane Campos

Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)



Na pitoresca cidade de Ivoti - RS, queria ser. Mas não queria ser igual. Queria ser eu, mas quem sou eu? Um bebê tranquilo, uma menina que faz tudo no seu tempo. Meio lento. Uma pequena Cris não é assim. Mas por um tempo achei que fosse. Quer dizer, primos. Escolinha, pega-pega, esconde-

esconde, elefante colorido e por aí vai. Gostava de mandar em nossas aventuras.

Gosto até hoje, mas não tanto; sei delegar. Os 13 anos são difíceis, para ela não. Para mim, sim. Achei que aquele sentimento nunca mais iria embora. Penso por que nunca me disseram que era normal ficar triste às vezes. Eu estava errada. Todos estavam bem. Só eu que não. Será que meu coração voltaria a ser como antes? Será que aqueles pensamentos iriam embora? Será que seria um balão ancorado para sempre? Eram algumas dúvidas que pairavam na minha mente dia e noite.

Fiz um novo Amigo. Eu já O conhecia, ou achava que conhecia. Para alguns, só mais um homem. Para mim, meu Salvador. Chegou na hora certa. Presenteou-me com uma identidade. Era o que faltava. Ele também era Pai, mas eu nunca tive falta de um; o meu sempre foi presente. Minha mãe, sempre atenciosa. Talvez um amigo verdadeiro, isso eu precisava. E foi assim que se apresentou a mim. Nunca mais tive falta de nada. Minhas lacunas foram preenchidas. De vez em quando me perco em mim, mas é fácil se encontrar quando somos quem nascemos para ser.



3 Entendo emoções

Alice



Era uma vez uma Alice que não era do país das maravilhas. Mas achava que era. Nasci em Porto Alegre e cresci em Ivoti. Sapeca, brincalhona, sempre sorridente, esforçada. Era tudo o que os meus pais idealizaram para seus filhos. Portanto, não poderia decepcioná-los.

Nunca dei trabalho, pois achava

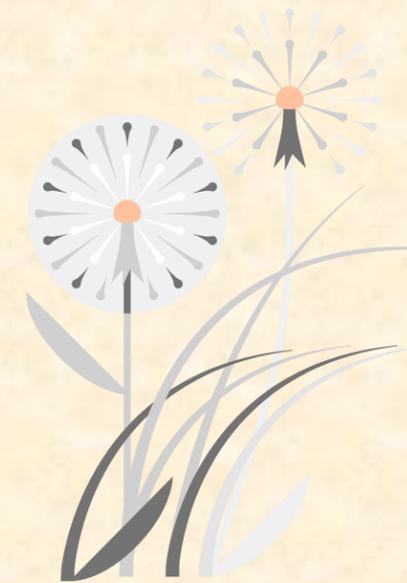
que minha mãe já tinha problemas de sobra. Minha tia sempre falava que meu irmão era superinteligente. Mas chorão. Eu era inteligente também. Do meu jeitinho, mais emocionalmente. Precisava me esforçar mais para tirar notas boas. Me agarrei a isso como uma verdade.

Quando cresci, comecei a me interessar mais sobre o assunto. Procurei uma psicóloga e, quando ela perguntou o motivo, logo respondi: — Não tenho nenhum problema, sou muito feliz! — respondi piscando. Minha cara de cansada transparecia, mas mantinha a postura.

Naquela época trabalhava à tarde e à noite e estava no meu último ano do ensino médio, portanto estudava pela manhã. Com pouco tempo de terapia, comecei a perceber que nem tudo era tão maravilhoso como eu pensava. Não parava um minuto, pois quanto mais coisas eu fazia, menos tempo eu tinha para pensar em coisas ruins. Ou boas. Na verdade, não pensava em quase nada. Era carregada pela rotina corrida.

Ah, e os queridos custos de ser gentil demais. A dificuldade de dizer não. A tentativa desgastante e quase sempre falha de tentar agradar todo mundo. Meu padrão de indisponibilidade. Tem uma hora que a ficha cai.

Fui me encontrando, redescobrimo quem eu era além das expectativas dos outros. Parei de mentir para mim mesma. Amadureci e comecei a virar adulta. Comecei a ter coragem para enfrentar os meus problemas e parar de fingir que eles não existiam. Voltei a pensar em mim. Também em coisas boas. E até ruins. Quando acordei hoje de manhã, eu sabia quem eu era, mas acho que já mudei muitas vezes desde então.



4 Onde surge uma flor de maracujá?

Gabriela Helena



Para alguns, poderia ser mais uma estação do ano comum em suas vidas. Para mim, meu primeiro suspiro nesse mundo. Não posso contar como foi aquele dia, mas sei que aquela chácara, no interior de Lindolfo Collor, não seria mais a mesma depois que aquela primavera chegou. Lembro-me plenamente de estar comendo ameixas na garupa de meu pai, colhidas direto do pé. Lembro-me do cheiro, do clima, das cores...

Anos se passaram e o apelido de "flor de maracujá" ainda persiste nos dias de hoje. A origem dele? Perguntei depois de crescida, e a resposta foi inusitada: "As flores de maracujá, diferentes das rosas, são pontinhos coloridos no meio de um arbusto fechado. E era assim que eu sempre te achava, um pontinho colorido no meio da mata fechada."

Menina florida, pertencente à fauna e à flora. Quando a pergunta surgia: Onde está a Gabi? A resposta era tão clara quanto o óbvio. No mato. Quando pequena, me achava micro, tudo e todos melhores que eu. Aprendi com uma pessoa muito forte a ser forte. Coitada da pessoa que, hoje, pensa que pode me dar ordens.

Consigo sentir o cheiro da soberba. Seguir o padrão não é meu forte. Fui feita para ser líder, para fazer e seguir regras, não pessoas pequenas. Todos os anos, a primavera volta para desabrochar as flores e colorir paisagens. Assim como ela, também sou formada de ciclos.

Ciclos que se iniciam e se encerram a todo momento, mas o medo de não criar raízes após tantos climas extremos me assombrava. Hoje, com 19 primaveras, me

encontro enraizada e ao mesmo calmo como uma borboleta. Me encontrei como ser humano, como artista, como professora, como líder...

Podemos ser muitas coisas e, a cada ciclo, um mundo novo se abre, uma nova oportunidade chega e um novo encontro há de acontecer. Hoje me permito ter sonhos e objetivos, mesmo que anos atrás torcia para ser a última primavera. Mas havia aquela pessoa me dizendo: Tudo tem um motivo para acontecer, flor. Levou tempo, mas eu entendi o poder daquela frase e hoje tenho a certeza de que tudo teve um motivo, me tornou a pessoa que sou hoje. Sei do grande futuro que me aguarda e, como aquela menina daquela primavera de 2004, hoje estou dando meu primeiro suspiro neste mundo.



5 | A descoberta que mudou minha vida. Ou não.

Stéfani Barcelos



Foi em uma segunda-feira fria de agosto de 2003 que eu nasci. Meu nome é Kai Vasconcelos e venho de uma família simples da cidade de Novo Hamburgo/RS. Antes mesmo de eu nascer, já passei por alguns perrengues. Foi nascimento atrasado, cordão umbilical enrolado na cabeça e uma mãe muito jovem (17 anos). Mas quem nunca passou por isso, não é mesmo? No entanto, mal sabia eu que isso era só o começo daquilo que seria

uma jornada única e cheia de surpresas.

Minha infância foi tranquila e "perfeita". Éramos eu, minha mãe e meu pai. Uma família bem convencional, como nos comerciais de margarina. Eu ia para a escola, brincava na rua até tarde. Resumindo: era uma criança saudável e feliz.

Um certo dia, após voltar da escola, sentei ao lado de minha mãe para conversar. Foi quando, de repente, como quem não quer nada, perguntei: — Mãe, por que eu não sou parecida com meu pai? Essa foi uma daquelas perguntas aleatórias que as crianças fazem, sabe? Mal sabia eu que, ao invés de responder "Porque você é

parecida comigo, filha!", minha mãe diria: — Senta aqui no colo da mãe que eu preciso contar uma coisa.

Pois é... Vocês já devem imaginar o que aconteceu. Por causa de uma simples pergunta, acabei descobrindo que meu pai não era meu pai. Foi um baque. Contudo, devido à inocência da infância, eu não vi problema na situação e fui imediatamente compartilhar com meu pai a minha mais nova descoberta. Ele me fitou com os olhos, espantado. No entanto, não disse nada além de: — E como você está se sentindo em relação a isso? E eu simplesmente respondi: — Estou bem, você continua sendo meu pai.



6 Coisas de irmão...

Lia



No interior de São José do Hortêncio-RS, morava uma menina que, durante sua infância, imaginava que suas bonecas eram suas irmãs. Ela queria ter tido irmãs. Até que, quando ela completou 6 anos, chegou uma nova criança à sua casa. A menina até gostou. Mas nem tanto. Preferia ter seus dois quartos e a casa inteira para sua bagunça. Porém, agora tinha que

dividir todas suas coisas. Inclusive sua mãe e seu pai. Isso não era legal.

Na verdade, no começo foi legal. Aquele novo ser não incomodava. Mas quando ela menos esperava, aquele garotinho, que era seu irmão, cresceu. Pegava seus brinquedos, subia na sua cama, fazia a maior estripulia. Era um saco!

Final de semana e nas férias, ficavam sempre juntos. Era muito chato. Ele só incomodava! Quebrava suas bonecas, riscava, deixava-as sem as roupas certas. A menina não era mais feliz como antes. Tudo que era dela passou a ser deles. E agora? O que eu faço? Não vou mais ter minhas coisas só para mim? Pensava a pequena garotinha.

Aos poucos, as coisas começaram a entrar nos eixos. Os dois pequenos passaram a entender que cada um tinha suas coisas e que precisavam dividir. Porém, era importante cuidar das coisas dos outros e devolvê-las do mesmo jeito que pegou.

Eles cresceram, mas as brigas continuam. Às vezes, um olha meio torto e o

outro já solta uns coices. Nem sabem bem por que discutem tanto. Acho que é coisa de irmão.

Conforme o tempo passa, vão entendendo como funcionam. Nem sempre estão num bom dia. Mas se acontece algo com um deles, o outro é o primeiro a estar do lado para ajudar. Tem vezes que é difícil entender e dividir as coisas. Portanto, eles aprenderam que, às vezes, um precisa de algo emprestado que o outro tem. E depois a pessoa vai devolver.

Contudo, dia após dia, eles ainda se olham atravessados. Mas não tanto. Agora, se um precisa de algo, estão mais abertos a ajudar e oferecer o que têm. Acho que finalmente aprenderam a viver mais em família. Aprenderam a se amar.



7 O poder da imaginação

Alana



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Ela não tinha muitas coisas: ela criava. A menina vivia em uma pequena cidade do Vale do Caí: São José do Hortêncio. Acostumada a passar os dias com seu primo e seu irmão na roça, precisava se reinventar quando estava só. Nesses dias, ela ficava com sua mãe na confecção de roupas. A mãe não tinha tempo livre. Ela precisava trabalhar para manter a renda da família.

regia as histórias criadas pela garotinha. Encenadas pelas Barbies, as narrativas geralmente giravam em torno da rotina de um grupo de amigas. Tinha a professora, a advogada, a médica, a mãe, a filha, a grávida e inúmeras outras personagens. Além da profissão, as protagonistas passeavam, tomavam chimarrão e também viajavam.

O som das máquinas de costura

Havia, porém, um fato que começou a incomodar a menina. As roupas que vinham acompanhadas das bonecas não eram adequadas para os espaços e as programações das quais as personagens participavam.

Ela sabia que brinquedos não eram prioridade para sua família. Aliás, em vários momentos, ela escutou seus pais conversarem sobre possibilidades de economizar dinheiro.

Curiosa, a pequena se aproximou da caixa de retalhos em que sua mãe jogava restos de tecido. Uau! Havia tecidos rosa, verde, preto, azul e muitos outros tons. — Mãe, o que você faz com os tecidos dentro dessa caixa? — Hum, geralmente a vizinha vem buscar para fazer tapetes. Encantada, a menina questionou: — Será que eu poderia usar alguns? — Claro, minha filha!

Agora sim! As barbies se tornariam verdadeiras atrizes. Ao observar sua mãe cortando peças de roupas, a menina pegou a tesoura que estava em cima da mesa e iniciou suas criações. Com a ajuda da sua mãe, iniciou a costura das peças. Ao sentar-se na cadeira próxima à máquina de costura... ops! Suas pernas não alcançavam os pedais. Não tinha problema: ela ficava de pé mesmo.

Saias, vestidos, calças, jaquetas, blusas, cintos e outras peças compuseram o guarda-roupas das bonecas. A imaginação da pequena fluiu ainda mais, e seu desejo pela criação de novas roupas aumentava a cada dia. As histórias criadas tinham mais emoção e ficavam mais complexas conforme as experiências vivenciadas pela menina na vida real.



8 Além da felicidade

Jasmyn



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-SA-NC](https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/)

Os dias que passam aqui não passam como lá. Assim eu pensava até me reencontrar. Sou Jasmyn, nasci em Ivoti, mas mudei-me para outra cidade ainda pequenina. Naquela cidade, chamada Crissiumal, no interior do Rio Grande do Sul, fiz muitas amizades. Vivia feliz sendo criança, cantando no coral e encenando nas escolas pelo teatro municipal. Gostava de ir à escola, tinha excelentes professores, uma casa boa e uma família que sempre me acolhia. Eu era feliz, mas, infelizmente, felicidade é apenas um dos tantos sentimentos que o ser humano pode sentir. Mas isso, eu ainda não sabia.

Felicidade. Surpresa. Insegurança. Medo. Solidão. Um turbilhão de sentimentos vieram à tona no dia em que descobri que retornaria a Ivoti, uma cidade estranha, que não considerava como minha, pois essa terra de meus avós. Todas as férias de

passava com eles, mas, agora, iria tornar-se minha também.

A insegurança de deixar meus amigos e fazer novos assombrou-me a viagem inteira. Estava triste, mas ainda carregava a esperança de ser feliz. Infelizmente, logo ao chegar ao meu novo "lar", se é que eu podia chamar assim, desandei no choro. Não reconhecia aquele lugar como minha casa.

Meus amigos não estavam ali, as oficinas que costumava fazer não tinham mais, mas isso não foi nada comparado ao que estava por vir.

A escola. Aquela escola que deveria me acolher, incluir, potencializar e instruir, infelizmente não fez nada disso. Meus colegas eram mais velhos e mais altos que eu. Eu não me encaixava. No recreio, me via sozinha, e foi assim até o final. Nos primeiros três dias, fui chorando para casa, pois estava acostumada a ser alegre, brincar e ter companhia. Agora, me senti

forçada a ser "grande".

Com o passar do tempo, me acostumei com a nova realidade. Ainda não me via feliz, mas me acostumei. Fiz amigos. Não eram iguais ou parecidos aos que eu tinha, mas também eram bons e me faziam feliz. Aos poucos, fui me reconstituindo, mas ao mesmo tempo, senti-me forçada a amadurecer e ser "gente grande" muito cedo.

Ao final do ensino fundamental, descobri que na cidade havia uma escola que formava professores no Ensino Médio, o Instituto Ivoti. Quando descobri, meus olhos brilharam diferente, era como se o brilho começasse a renascer. Finalmente, percebi a esperança, e assim foi.

Me redescobri e me reencontrei no Curso Normal em Nível Médio. Agora, os dias já passam como lá. Sinto-me feliz e realizada. Conheço os sentimentos além da felicidade e aprendi a conviver com eles.



9 Um recomeço

Eve S.R



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

Em um dia nublado de outubro, mais especificamente dia 19, nasce uma menina chamada Helena. Era dia de festa, os médicos comemoravam o aniversário do hospital. Já meus pais comemoravam meu nascimento, depois de uma gravidez complicada. À medida que fui crescendo, fui me mostrando uma pessoa muito tranquila, por vezes envergonhada, dedicada e que sempre estava disposta a aprender mais.

Com nove anos, fui para uma

escola diferente, que exigia muito mais dos alunos. Cheguei sem saber como aquele primeiro ano seria; infelizmente, ele não foi fácil. Entrei na turma do terceiro ano, não conhecia ninguém. Além disso, percebi que não sabia muitas coisas que meus colegas já estavam cansados de rever. Os dias foram passando e fui fazendo algumas amizades, a maior parte delas, de pessoas da turma do segundo ano.

Durante o ano, eu demonstrei muita dificuldade em matemática e na parte da escrita. Meus pais sempre me falavam: - Helena, calma, vamos passar por isso juntos. Tu consegues! Eu tentava sempre pensar positivo nos momentos em que fazíamos alguma avaliação, mas o resultado não era bom. Minha mãe conversava sempre com a professora, e a resposta era sempre a mesma: - A Helena é muito dedicada e esforçada, está tudo certo. Meus pais, vendo minhas dificuldades, tentavam me ajudar. Já eu ficava cada vez mais ansiosa e triste, por não ver uma melhora. Então chegou o final do ano. No penúltimo dia de aula, minha mãe foi chamada na escola. Contaram que eu não poderia ir

para o quarto ano, pois não era madura o suficiente.

Eu e meus pais ficamos arrasados, porque, afinal, estava tudo certo com a Helena. Demorei muito para recuperar a minha autoconfiança, mas, felizmente, o ano seguinte foi maravilhoso. Conheci amigos que tenho ao meu lado até hoje, fui líder de turma, aprendi muito e pude conhecer uma professora chamada Débora. O amor que ela tinha pela profissão fez com que eu também me apaixonasse pela docência.

Precisei de tempo para me recuperar e acreditar em mim novamente, mas, ainda bem, que agora olho para trás e percebo que consegui passar por aquele momento.



10 Memórias: traços da vida

Elisabeth Patro



"São sempre enormes as coisas da infância, as maiores que teremos na vida, eu penso. As mais inesquecíveis. Talvez, as mais sentidas como verdadeiras. Passamos o resto do tempo atrás dessa sensação". Carla Madeira, Véspera.

Dizem que na infância são desenhados os mais importantes traços, que, como plano de fundo, estarão presentes em todas as demais composições da vida. No município de

Ivoti, um pouco diferente do que é agora, crescia uma menina observadora. Com suas duas irmãs, mãe, pai e avó, compunham uma família de cinco pessoas. Muitos acontecimentos se desenvolveram em sua pequenez, e a cada nova experiência, seu mundo se expandia um pouco mais. Em suas manhãs, com ambos os pais trabalhando e suas irmãs estudando, usufruía da companhia de sua avó — nunca chama-

da por esse título, e sim pela nomenclatura na língua alemã: "Oma"! No amanhecer ensolarado, os raios de sol eram sentidos no fundo do quintal, iluminando as muitas plantas cultivadas, de diversos tipos, cores e necessitando de diferentes cuidados. O momento não se tratava, no entanto, apenas das plantações, e sim da riqueza de histórias e ensinamentos contados pela querida Oma.

Escritora, arqueóloga, fotógrafa, empresária, mãe, esposa e avó, dona Herta era uma verdadeira guerreira. Para os padrões de sua época, rompeu inúmeras barreiras com sua personalidade incansável. A pequena Elisabeth a tudo ouvia, com muita atenção e principalmente paciência, quando chegados os primeiros sintomas do Parkinson. Por escolher casar-se mais tarde, Oma teve seus filhos com idade mais avançada, de modo que, aos netos mais novos, pouco tempo restou em sua presença. A menina, que agora crescia, absorvia com amor cada história repetida e

cada piada recontada, desejando em seus pensamentos ser, um dia, como sua Oma. Ao final de sua vida, continuou com sua habilidade voraz, e desejava registrar seu legado e suas descobertas, compondo sua última obra. Esta, no entanto, não era pública, e foi presenteada para cada membro da família. Não demorou muito para que dona Herta desse seus suspiros finais.

Ao contar dos seus quinze anos, Elisabeth se despedia com pesar, sem saber como seria dali em diante. Com o passar dos anos, percebeu que as memórias nunca morrem. Naquelas manhãs, em que a essência da vida era transmitida pelos olhos de Oma, traçaram-se as mais lindas formas, que foram carregadas no coração da (não mais tão pequena) menina durante toda a sua vida. Hoje, continua observadora, e como no desejo de sua infância, constata que possui o mesmo ar incansável de sua, para sempre, Oma.



11 Atipicidade normal

Karen Heloísa Steffen



Essa é a história de uma família, de um irmão e de uma menina. A menina, que desde pequena era muito observadora, percebia algo em seu irmão que seus familiares não percebiam. Desde bebê, o irmão era diferente das demais crianças de sua idade. Não muito, mas o suficiente para ser perceptível para aquela garotinha.

sensibilidade extrema à barulho, caminhar nas pontas dos pés. Uma vida baseada em dinossauros e em fugir da interação social. Atipicidades. E a garotinha se perguntava, como poderia a família não perceber? Por outro lado, era de se compreender. O menino não apresentava dificuldades na escola, era sempre o mais inteligente da turma. Quanto orgulho para família.

Movimentos repetitivos, para família.

A máscara perfeita para as atipicidades.

À medida que os dois cresciam, a menina sentia-se cada vez mais aflita. Vivia se perguntando se a família não percebia que os surtos de raiva do irmão não eram normais. Vivia se perguntando se realmente a família enxergava toda essa atipicidade como resultado de uma criança que foi mimada demais.

Mas claro que poderia ser. A menina podia estar vendo problemas inexistentes. Entretanto, seu coração dizia que ela estava certa. Certo dia, em uma reportagem que a menina assistia sobre crianças atípicas, começaram as comparações e foi inevitável...

PLIM. Uma lâmpada acende na cabeça dela e ela se dá conta de algo que estava bem debaixo do seu nariz. A partir daquele momento, a menina começou a investigar mais sobre o assunto. Assistia vídeos, procurava artigos e se aprofundava nessa pesquisa. Deste momento em diante, para ela, o irmão estava diagnosticado.

Sete anos depois, o diagnóstico médico e uma sensação de alívio para o coração da menina. Transtorno do Espectro Autista e superdotação. Para a família, e para o próprio irmão, um processo de aceitação. Mas a menina já havia crescido aceitando a atipicidade como normal.



12 Perdas e recomeços

Dannelys Rosimal Ramirez Hernandez



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

Era uma vez num país nada a ver com o Brasil, o nome desse país é Venezuela. Na cidade de Bolívar, no dia 30 de março de 2005, nasceu aquela menina que era tão desejada pela mãe. A princípio ela tinha seus pais junto com ela, mas depois de fazer 3 anos de idade eles se separaram. A menina foi crescendo indo de um lado para o outro, mas apesar de tudo era muito amada. Ela tinha todo tipo de brinquedos, pois eles a amavam muito.

Era uma menina alegre, esportiva, brava, barulhenta, amorosa, boa aluna e boa filha.

A mãe se casou de novo mas ainda assim ela continuava sendo a única filha da mãe. Aos 8 anos, a mãe veio com uma notícia muito inesperada, ela estava grávida. A menina ficou muito feliz, pois queria muito uma irmã. Ansiosa, foi com a mãe a

olhar se era menino ou menina, ao saber que era menino ficou muito triste mas depois que nasceu tudo mudou. Ela era muito dedicada a ele e ficava brava quando tiravam seu mano dela.

A garota, desde um princípio, não gostava do pai do seu irmão e não olhava ele como um pai. Para ela existia só um: seu próprio pai. A menina sempre foi apegada a ele e sempre cuidava dele, mais do que cuidava da mãe, pois sempre teve medo de que acontecesse algo ruim e seu pai morresse. Seu pai era o amor da sua vida e não imaginava a vida sem ele.

Chegaram os 11 anos. Na manhã do dia 23 de outubro de 2016, a mãe acorda a sua filha com lágrimas nos olhos. A menina toda preocupada pergunta o porquê de ela estar chorando. A mãe muito preocupada pediu que se acalmasse, pois a notícia que tinha para dar não era boa. A menina ficou muito preocupada e já imaginava o que a mãe iria dizer. A mãe com medo de falar diz: - Teu pai está morto.

A menina já esperava essa resposta, mas nunca pensou que esse medo tão grande de perder seu pai antes de ela fazer 15 anos e ser maior de idade, aconteceria

tão rápido. No momento em que recebeu a notícia, ela se lembrou de uma frase que seu pai falou quando dançou a valsa com ela na sua festa de 10 anos. O pai pegou ela pela mão e disse: - Filha dançemos a tua valsa agora, porque não sabemos se eu vou estar com você na sua festa de 15 anos.

Depois disso uma dor enorme veio ao peito dela, ela só se perguntava como seria a sua vida sem o pai. Pensou que veria ele na urna antes de enterrá-lo para se despedir dele, mas recebeu outra notícia: seu pai estava deteriorando e só poderiam velá-lo com o caixão fechado. Entrou em desespero e a dor piorou.

Depois do enterro, ela não conseguia aceitar que seu amor tinha morrido, pois para ela seu pai estava viajando. Depois de 8 dias, ela decidiu se despedir dele, se ajoelhou e orou, ao terminar com lágrimas nos olhos e a dor enorme no peito, foi dormir, quando acordou viu que estava no hospital, pois tinha sofrido uma convulsão, o que nunca tinha acontecido antes.

Quando voltou para casa ela decidiu continuar sua vida, mas depois que seu pai se foi, as coisas não foram fáceis para ela. Portanto, era

Continuação de: **Perdas e recomeços**

decepção traz decepção. O dia dos pais sem ele, a ausência da sua mãe nesses momentos, depressão batendo, vontade de não viver mas, cortes nas mãos para tentar tirar a dor que sentia no seu coração. Não conseguia aceitar que seu amor já não estaria mais ali para ela, mas depois com o tempo, Deus ajudou a sanar e a compreender que nada ocorre por acaso, que tudo tem seu propósito. As coisas que ela viveu a ajudaram a amadurecer, com o passar dos anos já uma mulher, num novo país, ela deixou seu passado para trás e recomeçou sua vida outra vez.



13 Já plantou a sua sementinha do bem hoje?

Luviane L. F.



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY-NC-ND](#)

No dia 22 de abril de 1999, nasceu uma gauchinha saudável: eu. Aconteceu por um descuido, mas sou grata por estar aqui hoje contando esta história. Quando criança, ouvia e dançava muita música gaúcha, fiz dois cursos de danças gaúchas para salão, e com isso meus tios me levavam aos bailes gaúchos que aconteciam na região. Brincava com bonecas, fazia de conta que era professora, misturava terra e água e passava no rosto, andava de bicicleta, mas muito mais a cavalo.

Com o passar dos anos, minha vida escolar acabou ficando complicada. Entre a 4ª e a 7ª série, no final de todos esses anos, quando minha mãe buscava o boletim, ouvia toda vez a mesma história: eu não atingia a média na disciplina de matemática, precisando, assim, em

fevereiro do ano seguinte, alguns dias antes de começar as aulas, fazer o provão (uma prova de todo o conteúdo referente ao ano anterior).

Durante as férias, ficava a maior parte do tempo estudando, e o que mais ouvia dos meus pais e das pessoas próximas eram gritos e xingamentos. Incentivo e apoio não recebia, e com isso minha vontade de parar os estudos era grande. Porém, continuei frequentando a escola até concluir.

Chegando no final do terceiro ano do ensino médio, cheguei a desistir dos estudos, pois nem eu acreditava mais em mim. Trabalhei na roça com meu irmão e cunhada por dois anos mais ou menos, o dia todo, independente do fato de chover ou não. Tudo seguia no mesmo ritmo, até que, num determinado momento, ouvi alguém dizer: — Quer ficar trabalhando a vida toda na roça?

Isso me fez refletir sobre o que eu queria ser na vida. Então, ingressei em uma Universidade do Vale dos Sinos pelo

vestibular, iniciei meus estudos, e tudo ia bem até meus familiares (principalmente meu pai, cunhada e irmão) perguntarem sobre o valor que pagava por mês para estudar. Respondi com respeito, e a partir daquele momento não consegui mais pagar e, infelizmente, frequentar a universidade, pois não tive ajuda financeira, além de ainda me atormentarem com frases desestimuladoras, me deixando ainda mais desanimada.

Então segui para outra faculdade. A mensalidade era um valor baixo, mas ali fiquei por um semestre, pois quando precisei de ajuda para entender os conteúdos, cheguei no lugar para tirar as minhas dúvidas e queriam me explicar pesquisando as respostas na internet. Saí de lá frustrada, pois não era isso que eu queria.

Novamente voltei para a primeira faculdade citada, mas desta vez na modalidade digital. O conteúdo era explicado e, se tinha dúvidas, poderia conversar online com o professor.

Continuação de: Já plantou a sua sementinha do bem hoje?

Fiquei por um período, mas ainda não era o que eu queria. Então, em março de 2023, recebi o convite para participar de uma aula aberta no mesmo mês do curso de Especialização em Educação Infantil. Era sexta-feira à noite, estava eu lá, escutando a fala de Letícia Streit. Após o término da aula, logo fui conversar com a Professora Raquel, pois tive uma vontade grande de ser aluna da Faculdade Instituto Ivoti.

Neste tempo em que estava estudando um turno do dia, fiz estágio não-obrigatório na EMEI Ursinho Carinhoso em Presidente Lucena e, após, trabalhei como monitora no

Ensino Fundamental e ainda como auxiliar de atendimento infantil na mesma cidade. Atualmente, estou como atendente de creche na EMEI Sonho Meu em São José do Hortêncio.

Sempre gostei de frequentar bailes para me distrair, e nesse contexto conheci meu namorado Adroaldo. Há pouco tempo, estamos morando juntos.

Tenho um emprego de que gosto, casa, cachorra (Luna). No meu novo lar, tenho tudo que preciso e me faz feliz, e hoje estudo na Faculdade Instituto Ivoti, na qual ingressei em 2023. Posso afirmar, com convicção, que me encontrei de fato na profissão que quero seguir.



14 Um encontro com a minha verdade

Stefani Juliani Steiner



Esta Foto de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY](#)

No dia 24 de maio de 2003, nasceu uma menina chamada Stefani, mas não demorou muito para ter uma companhia. No dia 5 de junho de 2004, nasceu sua irmã Thaisi. No ano seguinte, veio sua irmã Thayla, no dia 7 de dezembro de 2005. Não muito tempo depois, veio sua irmã Rihanna, no dia 22 de janeiro de 2010.

Pelo fato de ter tantas irmãs, Stefani adorava brincar de professora.

Colocava suas irmãs sentadas na mesinha de centro de sua casa e as enchia de atividades. Quando suas irmãs já não queriam mais brincar, ela as obrigava a brincar mais um pouco.

Os anos foram passando, e não houve um ano sequer em que alguma professora deixasse de perguntar se algum dia ela gostaria de ser professora, pois levava muito jeito para tal coisa. Stefani sempre foi muito

ativa e metida, estava "enfiada" em qualquer atividade extraclasse que surgia na sua escola. Na parte da manhã, ela frequentava o Plug (Programa Lazer Unindo Gerações), um projeto de contraturno da sua cidade. À tarde, ia para a escola e, após a aula, frequentava banda marcial, coral, danças gauchescas, entre muitos outros projetos.

Stefani já sonhou em ser professora de todas as matérias e atividades possíveis. Gostava tanto do ambiente escolar que, por ela, trabalharia apenas na biblioteca ou até mesmo na recepção da escola, para poder estar envolvida no ambiente escolar.

Seu sonho por muito tempo foi posto de lado, pois sua família possui um comércio na cidade, e, por muitas vezes, colocavam esse fardo em suas costas de ter que levar o nome da loja adiante. Por conta desse motivo, sua mãe pediu para que fizesse a mesma faculdade que ela estava iniciando, bacharel em Optometria, para seguir no ramo da família. Stefani cursou

dois semestres de Optometria, porém, conversou com sua mãe que não era o que ela realmente queria, mas não podia falar para a mãe que gostaria de migrar para Pedagogia, pois a família não era nada a favor da profissão. Então, novamente seu sonho ficou mais um ano de lado.

Neste período de um ano distante de seus estudos, Stefani foi morar sozinha, onde evoluiu muito. Após um ano morando sozinha, Stefani resolveu finalmente seguir seu verdadeiro sonho de se formar professora. Iniciou seus estudos por um semestre a distância, o que fez com que sua família não ficasse muito feliz, e disseram que, se precisassem pagar a faculdade dela, se negariam a pagar. Com esse comentário, a menina que sonhava em ser professora acabou desanimando. Porém, iniciou seu estágio para ter então a real certeza e afirmação de que esse era seu sonho. Sendo assim, entrou em um verdadeiro mundo sem volta. Stefani se encantou pelo mundo da educação.

Continuação de: **Um encontro com a minha verdade**

Mas o ensino a distância já não parecia mais suficiente, então lutou para conseguir iniciar seus estudos presencialmente na Faculdade Instituto Ivoti.

Sua mãe foi contra pagar caro para se formar professora. Mas Stefani não deu ouvidos e não pensou mais

duas vezes em seguir seus sonhos.

Hoje, essa doce menina já está realizada em estar exercendo o que realmente ama. Com o tempo, sua família foi moldando, fornecendo mais apoio e proporcionando que Stefani se sentisse muito feliz.



15 Amargurencimento

Gabriela Lima



Gabriela, nome que representa força e fortaleza. A história dessa menina começa na cidade de São Leopoldo, RS. A mais nova de três irmãs, nasceu em janeiro de 2002 para completar a família. Um bebê novo, sem ser planejado, sempre causa um certo medo, mas logo ao nascer esse medo some e todos recebem a pequena Gabriela com muito amor.

A infância dessa menina foi doce, cresceu junto com suas irmãs mais

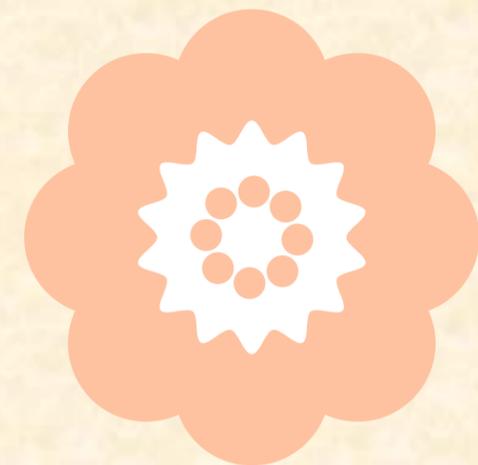
velhas, que faziam companhia nas brincadeiras. Frequentavam a mesma escola, uma protegia a outra, sempre. Ainda consigo vê-las indo de mãos dadas até a escola. Sua mãe era o aconchego e o colo. Uma mulher que trabalhava muito, mas sempre se fazia presente. Seu pai era o protetor da família, sempre resolvendo os problemas, independente da situação, sempre estava lá.

Quando Gabriela completou seus 3 anos, a família decidiu se mudar para uma pequena cidade ao pé da Serra, Dois Irmãos. Desde então se iniciou uma nova fase para a menina. Agora seus pais trabalhavam ainda mais, e Gabriela raramente os via, pois ficava em turno integral na escola e começava a passar mais tempo com os avós paternos. No começo, a menina chorava, não compreendia a necessidade dos pais, mas após algumas semanas se acostumou e se sentiu confortável com essa nova rotina.

A menina cresceu, agora já uma adolescente, compreendendo melhor as situações que a fizeram chegar até aqui. Com uma família muito unida, Gabriela e suas irmãs foram incentivadas desde cedo a estudar. Nessa fase da vida, esse deveria ser o único objetivo. E assim Gabriela fez,

dedicou-se ao máximo, completou a Educação Básica e logo entrou para o Curso Normal em nível médio. Nova escola, outra cidade, nenhuma irmã para dar a mão, Gabriela precisava seguir sozinha, iniciar uma outra jornada. Mesmo com medo e insegurança de sair do seu conforto, do aconchego de sua família, de seus amigos, Gabriela foi.

Na verdade, a menina está lá até hoje. Já se tornou uma mulher, está no último ano da faculdade e trabalha nessa mesma escola. Agora, Gabriela percebe a importância de ir com medo mesmo, seguir seus instintos e confiar no amor de sua família, que mesmo de longe, sempre está por perto. Não é uma tarefa fácil amadurecer; ser independente ainda causa um estranhamento nos pensamentos da menina que ainda mora dentro de Gabriela.



16 O viajante

PS Pietro



Sou Pietro, nasci na cidade de Santo Angelo no dia 18 de novembro de 1980, no último dos Sete Povos das Missões. Agora vou contar um pouco da minha história para vocês.

Passei minha infância na cidade e um pouco na granja, onde andava de bicicleta e jogava bola com meu sobrinho mais velho, que era como um irmão do meio para mim.

Em 1992, nasceu Fernando, meu sobrinho mais novo e, com o tempo,

meu melhor amigo. Aprendi a jogar videogame e, quando minha irmã não podia, eu o levava ao dentista e em alguns passeios da escola. Na pré-adolescência do Fernando, eu era às vezes o goleiro do time dele.

Comecei a estudar com 9 anos no Instituto Estadual de Educação Odão Felipe Pippi, onde fiz 7 anos de teatro e cursei o magistério até o terceiro ano. Nas terças-feiras, das 18h às 19h,

jogávamos futsal com os amigos. O Tony me convidou para jogar bola no salão paroquial da Igreja Santo Antônio, onde os jogadores eram músicos.

Uma noite, depois do futsal, fizemos um churrasco e recebi um convite do Tony para trabalhar na Banda Baile. Fomos para Curitiba, onde morei na Vila Hauer, perto do estádio do Coritiba. O bairro era maior que Santo Ângelo.

Os dois anos em Curitiba foram muito bons; fizemos alguns amigos, mas a saudade do Rio Grande do Sul e da minha irmã era grande. Quando voltei para Santo Ângelo, meu amigo Dilson me chamou para trabalhar na Banda Panorama. No baile de virada do ano de 2003 para 2004, viajamos por cinco dias até Eduardo Magalhães, na Bahia.

Em 2007, com os 4 Gaudérios, conheci a Serra do Rastro, as cidades de Urubici e São Joaquim, onde passamos um frio intenso e apreciamos uma beleza magnífica. Também conhecemos São Paulo e fomos à TV Bandeirantes gravar no programa do Gilberto Barros. Visitamos Campos do Jordão, o "Gramado Paulista", um lugar deslumbrante.

Na Banda Legal, éramos turistas em casa, viajando de ponta a ponta por Santa Catarina e pelo oeste do Paraná, e uma vez até Minas Gerais, nas cidades de Uberlândia e Sete Lagoas.

Na Banda San Marino, fizemos quatro turnês ao ano na Argentina, nas províncias de Buenos Aires, Misiones e Santa Fé, e no Paraguai, em algumas cidades com bailes de kerbs. Ufa, contei um pouco da minha vida viajante.

Mas, na minha vida, sempre tive o sonho de estudar história desde criança. O caminho para ir à escola era longo e, se não fosse minha irmã, eu poderia ser mais um analfabeto. Comecei a estudar com dez anos, na primeira série.

Na minha casa, eu sempre tinha que aprender sozinho. Quando ia mal em português e matemática, era chamado de burro pelo meu pai. Minha irmã morava na granja e me ajudava quando vinha me visitar, explicando as lições. Lembro-me de um momento na escola, no inverno, quando estava um frio de rachar. Eu tremia de frio, de chinelos e sem casaco, enquanto meus colegas estavam bem vestidos.

Continuação de: **O viajante**

Uma vizinha, dona Iracema, me trouxe roupas e calçados, e eu fiquei quentinho. Pedi para a diretora ligar para minha irmã vir à escola. Ela foi lá em casa e, quando minha avó soube, também foi, gerando um clima tenso com minha mãe e meu pai.

A partir desse dia, minha avó e minha irmã sempre cuidaram de mim. Não passei mais frio; tinha roupas e calçados para ir à aula. Minha avó e

minha irmã disseram que não precisavam passar por essa situação, pois nossa família tinha condições, mas meus pais eram irresponsáveis.

Minha avó e minha irmã sempre iam me ver nas apresentações de teatro da escola ou no Teatro Antônio Sepp. A avó Francisca e minha irmã são importantes para eu estar aqui na faculdade com todas vocês, cursando pedagogia. Sou grato a elas.



17 O que restou...

Morgana Taís Prochnow



Era uma vez... ah não, essa história é muito clichê. Que tal começar com: no dia 19 de agosto de 2004 nasceu uma garotinha em Ivoti, RS. Ela cresceu em Presidente Lucena. Era um dia frio e chuvoso, mal ela sabia o que estava por vir. Ao nascer, Morgana foi a alegria da família, todos estavam muito felizes por poderem dar um pouco do seu colinho. Mamãe e papai moravam com o vovô e a vovó.

Após um ano e meio, descobrimos

que a vovó estava adoecendo, alguém precisava cuidar dela. Em suas últimas semanas de vida, Morgana adorava brincar de boneca com sua avó e o tempo restante da vovó não foi longo. Maria Terezinha chegou a falecer após a menina completar 3 anos de idade. E restaram somente as lembranças boas.

Logo após a morte da vovó, mamãe e vovô brigaram feio, e ele ordenou para que fôssemos embora.

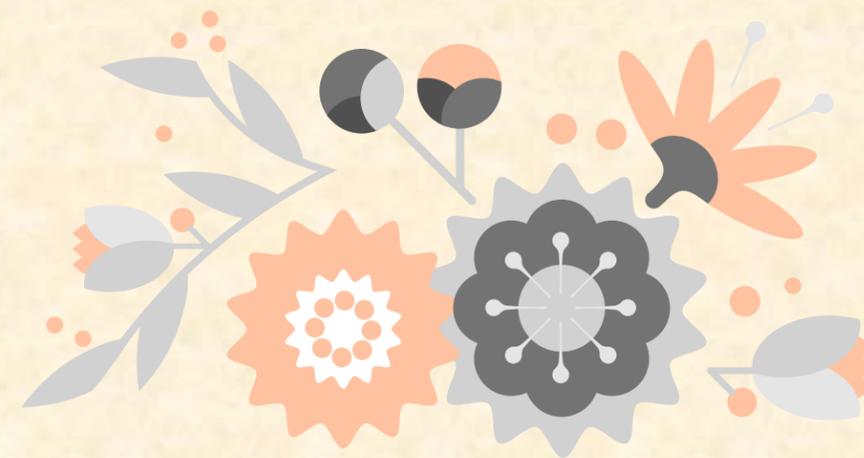
Diante da situação, mamãe não pensou

duas vezes e fomos morar em outra cidade, em São José do Hortêncio. Lá, mamãe abriu um comércio e papai foi trabalhar na fábrica. Com seus 5 anos de idade, Morgana estudava meio turno; quando não estava na escola, encontrava-se na cafeteria de sua mãe, ajudando com o que podia.

Depois de 5 anos, mamãe e papai resolveram voltar para Presidente Lucena, lugar em que morávamos. A partir dali surgiu um dos momentos mais difíceis na vida de uma criança: se readaptar. Amigos novos, outra rotina, casa nova. Tudo era

muito diferente do que estava acostumada. Demorou, mas conseguiu, fez novos amigos. Porém, se readaptar não foi uma tarefa fácil.

Ao longo dos anos, a garotinha foi crescendo e entendendo que cada acontecimento tem o seu propósito. Sete anos depois, seu querido, amável e único avô faleceu. Não era o que ela esperava, apesar de não ter tido o prazer de conhecer os seus outros dois avós. Agora o que restou foram somente as lindas lembranças.



18 De cidade para cidade

Assiral



Eu era apenas uma menina, nascida em Porto Alegre, RS, em 5 de abril de 2003. Morava em um apartamento perto do Guaíba. Local fechado, meio triste para uma criança. Mesmo assim, muitas memórias boas foram criadas lá.

Descíamos as escadas levando nossas bicicletas. Cantávamos nos corredores. Brincávamos com as crianças do condomínio. Pedíamos

doces pelo nosso prédio no Halloween. Eu e minha irmã.

Enfim, começando do começo. Quando eu nasci, meu pai conseguiu um trabalho em Novo Hamburgo, RS. E todos sabemos, não morávamos perto. Todos os dias, meu pai precisava sair de casa e dirigir pelo menos uma hora para trabalhar. Muitas vezes lembro-me de ele voltar à noite.

Com isso, ainda moramos lá por

um tempo. Nove anos, para ser mais exata. Pelo menos, esse foi o tempo que eu morei lá. Passado todo esse tempo, a rotina de dirigir durante uma hora e voltar tarde se tornou cansativa. Meus pais decidiram que devíamos morar mais perto do local de trabalho do meu pai. Então... analisaram as cidades da região. Ivoti foi a escolhida.

Só que mudar para uma cidade completamente diferente pode ser difícil para uma criança. Precisei deixar amizades para trás. Deixar tudo que já era familiar. Especialmente mais difícil para uma menina tão tímida. Pois é. Não tinha mencionado isso até agora, mas foi o que tornou tudo mais complicado para mim.

Chegando em uma escola nova em Ivoti, fui parar na Jardim Panorâmico. Passei alguns dias sem conseguir interagir com alguém. Graças à inocência da brincadeira de criança e a um simples “Quer brincar comigo?”, fiz amizades que guardo até hoje.

Ao me mudar, saí de uma escola estritamente religiosa. Tive também outras coisas boas ao me mudar. A felicidade agora era poder descer morros de bicicleta... sem freio. Correr no pátio. Roubar bergamota. Poder sair pelo bairro inteiro no Halloween, pedindo doces e até levando algumas amigas junto.



19 Morceguinho

Robin



Vinte dias. Para ser mais específica, vinte dias que eu esqueci o que é dormir, o que é se desligar, desligar o corpo e a mente. Vinte dias que eu esqueci o que é o silêncio presente na mente. Caro leitor, você conhece o Expresso de Hogwarts? Pois é, assim tem sido há vinte dias infernais na mente de sua autora.

Com tudo isso, tenho voltado várias e várias vezes para o dia da sua

chegada. Como poderia esquecer? Afinal, não esperava por nada, mas ganhei tudo. Se eu fechar meus olhos, consigo me lembrar deste dia muito bem.

Sábado de manhã, dia 10 de março de 2018, o dia que você entrou na minha vida. Estava limpando o quarto quando ouvi a mãe e o pai me chamando/gritando da garagem. Achei que algo sério tinha acontecido, saí em

disparada, bati o quadril no batente da porta e o pé no armário da cozinha. Que dor!

Quando cheguei lá, vi o portão aberto e a mãe entrando com uma cara diferente; não sabia distinguir o que era. Só escutava ela gritando: — Traz logo! — Traz logo que ela já está aqui.

Então eu vi o pai vindo com uma caixa grande. Eu pensei: que raio caiu para eles quererem me mostrar uma simples caixa? Quando a caixa foi colocada no chão, senti uma necessidade de abrir, e assim fiz. Não imaginava que meu coração iria se dividir em dois. Quando abri a caixa, vi duas bolinhas: uma caramelo de meias brancas e outra branca com manchas pretas, mas de máscara. Quando me dei conta, já chorava de felicidade pelas carinhas mais fofas e olhares mais curiosos do mundo. Me recorde de passar horas ao lado dos dois, fazendo carinho, dando comidinha e pensando nos nomes.

Seu nome foi muito fácil. Imagine só, um filhotinho com uma máscara na cara, impossível não dar um nome de super-herói, ainda mais quando se parece com o Batman. E assim veio o seu nome: Batman. O nome da sua irmã demorou um pouquinho, mas chegamos a uma votação:

Esmeralda. Como a pedra, com uma cor dos olhos tão forte e linda de verde.

Playground era como a cozinha parecia para vocês, saindo em disparada por baixo dos armários e do fogão. Você ficava indignado por crescer e engordar, por não conseguir mais passar por baixo dos armários. Brabo, latia para sua irmã, correndo de lá para cá, sem conseguir mais acompanhá-la.

Lembra da Happy Hour? Meu Deus, que festa para vocês! Se deixasse a porta do banheiro aberta, diga adeus ao papel higiênico. Nunca vi dois filhotinhos tão felizes em pegar o papel e sair correndo pela sala. Isso sem contar o dia fatídico em que o pai esqueceu de levantar o lixo do banheiro e... bom, vocês entenderam. Me pergunto até hoje se queriam dar uma repaginada na sala.

Infelizmente, a Esmeralda não pôde ficar muito tempo, e assim, depois de um tempo, ela partiu. Me recorde das semanas que você ficou procurando por ela no pátio, até desistir. Conforme foi crescendo, entendeu que ela não voltaria. Ficou mais carinhoso, brincalhão, queria mais atenção.

Não queria mais ficar sozinho, queria sempre estar grudado, queria até dormir junto e bem coberto para não passar frio

Continuação de: **Morceguinho**

no inverno. Confesso que me dava um ódio; te ensinei a pedir para entrar debaixo das cobertas para dormir. Quando se esquentava, saía das cobertas e me deixava no frio, já que se remexia demais para sair. Ensinei a entrar debaixo das cobertas sem precisar de ajuda, usando o nariz. Isso me rendeu inúmeras vezes de cama desarrumada. Que hilário lembrar desses momentos; agora você faz uma falta tão grande.

Faz vinte dias que chego à noite em casa e te chamo, mas não tenho resposta. Na primeira noite que cheguei do trabalho, minha boca travou

ao te chamar. Meu coração te chamava, mas minha mente não permitia.

Afinal, você partiu. Partiu inesperadamente, tão rápido, que na última semana achei que era uma virose. Mas não era, algo me dizia que não era, resolvi ouvir minha intuição e te levei ao veterinário. Lá pediram para te internar; seu quadro estava pior do que mostrava ser. Voltei para casa sem meu coração e medicada.

Aquela noite foi a primeira que eu dormiria sozinha, mal sabia que seria uma das primeiras noites. Mas não consegui, não consegui nem sentar na cama, imagina deitar.

Deitei na cama da mana. Depois de muito chorar a ponto de soluçar, me sentindo aquela menina de cinco anos perdida, aquela adolescente quebrada. De alguma forma, com sua ajuda durante esses anos, ela voltou a ser doce, meiga, amorosa, extrovertida. Voltou a ser aquela menina com filtro colorido nos olhos, enxergando o mundo novamente.

Mas enfim, me conta as novidades daí. Encontrou a

Esmeralda? Como ela está? Conheceu a galera aí? Imagino que tenha ficado surpreso; a família é bem grande. Espero que o avô tenha pegado um sítio grande. Se for uma casa aí em cima, quando a gente chegar, vai ficar bem pequena, se já não é. Batman, querido, você passa meu olá para todos aí? Quando eu tiver mais novidades, eu aviso.

Com amor, Robin.



20 Uma segunda chance de viver!

Alma Wallace



[Esta Foto](#) de Autor Desconhecido está licenciado em [CC BY](#)

A vida não é feita de clichês, ou apenas finais felizes. O relato de hoje é sobre superação. Uma vida inacabada, com um processo lindo de construção.

No dia trinta e um de outubro de dois mil e quatro, nasceu uma menina chamada Alma Wallace. Essa menina nasceu sorrindo. Sorria para a vida, em cada amanhecer. Vivia uma vida boa, em uma cidadezinha meramente pequena, chamada Morro Reuter. Sua

família a amava e a protegia muito. Seus dias eram felizes, crescendo e descobrindo o mundo.

Os dias se passavam, e a menina ia crescendo. Viveu sempre da melhor forma possível, aproveitando e vencendo seus obstáculos de vida. Sua família sempre foi muito unida, compartilhavam tudo juntos e apoiavam muito a Alma. Alma também tinha seus amigos, que gostava muito,

e compartilhavam muitos momentos juntos. Estudou seu ensino fundamental em uma escola de Morro Reuter. Já no seu ensino médio, iniciou sua carreira no Instituto Ivoti, fazendo magistério. Continua até hoje na Instituição, com licenciatura em Pedagogia. Sempre foi muito feliz em sua vida, tanto de criança quanto de adolescente. Porém, sempre tem algo que marca a nossa história.

O ano era 2020. Com seus dezesseis anos, Alma começou a passar por situações que nem ela entendia o porquê. Era difícil de lidar, porque seus pensamentos a manipulavam, e seu único destino era se trancar no quarto e chorar. Não conseguia explicar o que estava acontecendo, e por isso, guardava todo o turbilhão de sentimentos em seu coração, e se acalmava. Ao amanhecer um novo dia, a vida de Alma seguia normal, como se nada tivesse acontecido no dia anterior. Os momentos de tristeza começaram a ser cada vez mais frequentes, e sem saber o que fazer, procurou outros meios para diminuir a dor em seu coração.

Iniciaram então, as automutilações. Toda situação que vinha atormentando seu psicológico, o que melhorava as coisas, era se automutilar. De certa forma, Alma

sentia que fazendo aquilo, a sua dor diminuía. E a cada situação, o mesmo acontecia. Seu maior objetivo era desistir, e quem sabe, isso a ajudasse. Seus pais chegaram a descobrir certa vez, mas Alma não sabia explicar o porquê, o que estava passando pela sua cabeça. Afirmou a eles que tinha se automutilado apenas uma vez, e novamente, não conseguiu falar a verdade sobre o que estava acontecendo. Assim seguiu, durante dois anos.

Dois anos bem intensos. Após estes dois anos, Alma conseguiu pedir ajuda a seus pais. Que alívio, Alma, nós conseguimos! Desde então, o processo de Alma iniciou-se. Era 2022, e Alma iniciou sua ida até o psiquiatra, para obter um diagnóstico. Pela segunda vez, após o pedido de ajuda, conseguiu contar tudo o que estava atormentando sua vida e suas atitudes impulsivas. Depois de muita conversa, Alma foi diagnosticada com ansiedade e um início de depressão. Recebeu remédios e outras consultas frequentes. O início de seu processo não foi fácil, mas, com o apoio de sua família, decidiu continuar.

Os anos foram passando, chegou a tão esperada conclusão do ensino médio. No ano de 2023, iniciou seu estágio e a faculdade.

Continuação de: **Uma segunda chance de viver!**

Com a formação no magistério e a finalização do estágio, foi efetivada na escola em que realizou o estágio, recebendo a proposta de turno integral e continuando a faculdade. 2023 foi um ano muito bom, apesar de que algumas situações ainda vinham a acontecer, o pensamento sobre lidar com isso através da automutilação já não era o mesmo.

Chegou o ano de 2024, em que esse processo realmente se tornou lindo. Alma resolveu iniciar a terapia emocional, e foi a melhor decisão. Agora, visita sua terapeuta, psiquiatra, e continua com os remédios. Algo estava fazendo diferença. Alma começou a se abrir, falar sobre as situações que aconteciam com ela, e a

aceitar que estava em um lindo processo, e que nada acontecia da noite para o dia. Alma estava crescendo, e com isso, amadurecendo. Comprometendo-se com a sua melhora, evoluiu muito desde o ano de 2020. Superou muita coisa, mas ainda tem o que ser trabalhado. Alma estava bem, finalmente. Superou suas maiores angústias, aprendendo a lidar com elas. Sua história de superação começou, mas não tem um ponto final. Agora, Alma está vivenciando um processo delicado, porém lindo. Sente que renasceu. Concedeu a ela mesma uma nova chance de viver. Agora, a menina de dezenove anos está orgulhosa e preenchida novamente.





Autores dos textos

Alana Eduarda Backes

Alice Yasmim Noronha Henz

Ana Paula Freitag Lippert

Cristiane De Campos

Dannelys Rosimal Ramírez
Hernandez

Djeni Kelly Knorst Lang

Eduarda Antunes Lippert

Elisabeth Patro

Gabriela de Araújo Lima

Gabriela Helena Pereira

Jessica Da Silva dos Santos

Josué Guilhermann

Karen Heloísa Steffen

Larissa Gutkoski

Lívia Dill

Manuela Keller

Morgana Taís Prochnow

Roberta Lucchese de Oliveira de
Mattos

Stefani Juliani Steiner

Stéfani Kailane Barcelos da Silva

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

S888

Storytelling [recurso eletrônico]: nós em nós narrando! /
Organização: Marguit Carmem Goldmeyer. – Ivoti: Faculdade
Instituto Ivoti, 2024.

28 p.: il.; (3Mb; pdf)

ISBN 978-85-62270-13-0

1. Literatura infantil. 2. Leitura. 3. Escrita. I. Goldmeyer, Marguit
Carmem. II. Título.

CDU 82-93